

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER**

MAIKEL VILMAR KURZ

**MIGRAÇÃO PARA LOCALIDADES MAIS URBANIZADAS DE VILA
MANCHINHA, NO MUNICÍPIO DE TRÊS DE MAIO, RS: EM BUSCA DE
MELHOR QUALIDADE DE VIDA NO MEIO RURAL**

**TRÊS DE MAIO - RS
2013**

MAIKEL VILMAR KURZ

**MIGRAÇÃO PARA LOCALIDADES MAIS URBANIZADAS DE VILA
MANCHINHA, NO MUNICÍPIO DE TRÊS DE MAIO, RS: EM BUSCA DE
MELHOR QUALIDADE DE VIDA NO MEIO RURAL**

Trabalho de conclusão submetido ao
Curso de Graduação Tecnológica em
Desenvolvimento Rural - PLAGEDER,
da Faculdade de Ciências Econômicas
da UFRGS, como requisito parcial para
obtenção do título de Tecnólogo em
Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Gustavo
Mocelin

Coorientador: Tutor Ms. João Daniel
Dorneles Ramos

**TRÊS DE MAIO - RS
2013**

MAIKEL VILMAR KURZ

**MIGRAÇÃO PARA LOCALIDADES MAIS URBANIZADAS DE VILA
MANCHINHA, NO MUNICÍPIO DE TRÊS DE MAIO, RS: EM BUSCA DE
MELHOR QUALIDADE DE VIDA NO MEIO RURAL**

Trabalho de conclusão submetido ao
Curso de Graduação Tecnológica em
Desenvolvimento Rural - PLAGEDER,
da Faculdade de Ciências Econômicas
da UFRGS, como requisito parcial para
obtenção do título de Tecnólogo em
Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof(a). Dr(a). Daniel Gustavo Mocelin
Orientador
UFRGS

Prof(a).
UFRGS

Prof(a). Dr(a). *****
Instituição
Três de Maio, 08 de junho de 2013.

Dedico este trabalho a todos que em seu mais singelo gesto estiveram comigo nesta caminhada, me apoiando e incentivando para que no final pudesse alcançar meus objetivos. Dedico aos agricultores, professores, tutores e a comunidade local que me deram toda a assistência durante as etapas e construção do mesmo.

Agradeço primeiramente a Deus por me possibilitar acreditar que seria possível vencer mais esse obstáculo em minha vida, por não me deixar desistir e buscar a vitória nessa batalha. Agradeço a meus familiares que esteve ao meu lado me dando apoio. Também agradeço todas as pessoas que me ajudaram para que este trabalho se tornasse real.

RESUMO

O rural brasileiro passou por drásticas mudanças nas últimas décadas, tanto no cenário da paisagem, na maneira de cultivo das mais variadas culturas, como também na formação das famílias agricultoras, que em décadas anteriores eram compostas por vários membros para a realização das atividades rurais, enquanto que nos dias atuais a mesma é composta pelos pais e de um a dois filhos. Faz parte da mudança no cenário agrícola o êxodo e a migração rural que ocorre historicamente em todas as regiões do país. Pela importância do papel do agricultor na produção de alimentos e pela existência de comunidades rurais é que despertou o interesse na realização deste trabalho. A localidade de Manchinha no distrito de Três de Maio, que pertence à localidade de Linha Seca, foi escolhida pelo autor pela proximidade existente, tendo um forte vínculo e vivência sobre a mesma e sendo que ela apresentou acentuada diminuição da população residente no meio rural, nos últimos anos. Os resultados demonstram as alterações na quantidade de moradores na localidade e no perfil dos agricultores. Os principais quesitos analisados nas entrevistas foram o motivo da saída da localidade, o acesso à propriedade, o trabalho, lazer e os fatores de geração de renda.

ABSTRACT

The Brazilian countryside has undergone drastic changes in recent decades, both in landscape scenery, in the way of cultivation of various crops, but also in the formation of family farmers, who in previous decades were composed by various members for the realization of rural activities, while nowadays the same is made by parents and one or two children. Part of the change in the agricultural landscape rural exodus and migration that occurs historically in all regions of the country. The importance of the role of the farmer in food production and the existence of rural communities is that sparked interest in this work. A speck in the district town of Três de Maio, who belongs to the town of Dry Line, was chosen by the author for the close similarity, having a strong bond and living on it, and being that she showed marked decrease of the population residing in rural areas, in recent years. The results show changes in the number of residents in the locality and the profile of farmers. The main issues analyzed in the interviews were the reason for leaving the locality, home ownership, work, leisure and the factors of income generation.

LISTA DE SIGLAS

EMATER-Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Visualização do mapa do Rio Grande do Sul.....	16
Figura 2 – Visualização da Vila Manchinha.....	17
Figura 3 – Visualização do travessão da Linha Seca.....	19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População urbana e rural dos municípios da região.....	20
Tabela 2 – Área geográfica dos municípios e área média dos agricultores.....	21
Tabela 3 – Evolução da População Rural do Brasil.....	28
Tabela 4 – Situação dos Entrevistados.....	34
Tabela 5- Causas do Êxodo e a Migração Rural na Localidade de Linha Seca.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1- MUNICÍPIO DE TRÊS DE MAIO.....	16
2- MIGRAÇÃO RURAL.....	23
2.1- Desenvolvimento Rural, Políticas Públicas e Agricultura Familiar.....	23
2.2- Êxodo Rural.....	27
3- AGRICULTURA NA LOCALIDADE DE LINHA SECA.....	33
3.1- Geração de Renda Através da Pluriatividade.....	37
3.2- O Lazer.....	41
3.3- A Água.....	43
3.4- A Renda.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE.....	55

INTRODUÇÃO

A agricultura brasileira nas últimas décadas tem passado por um processo de modernização tecnológica, onde por um lado abriu expansão para a grande produção de alimentos, mas por outro esse processo trouxe consigo uma grande redução da população rural. Muitos agricultores deixaram o campo por não acompanharem o ritmo de desenvolvimento técnico da agricultura e seus custos, outros partiram em busca de possíveis oportunidades e melhores condições de vida nas cidades, onde através de um comércio e indústria bem desenvolvidos acreditavam fosse possível mudar de vida, devido a maior oferta de empregos.

Este fenômeno ainda é visível na localidade da Linha Seca, Manchinha, distrito de Três de Maio estado do Rio Grande do Sul, na qual está baseado o trabalho, onde nos últimos anos houve uma rápida diminuição da população residente no local. O interesse desta pesquisa é apresentar os principais motivos que levaram alguns dos agricultores da localidade mencionada a saírem do rural e fixar residência nas cidades. A migração de que se trata o presente trabalho se refere especificamente ao processo previamente observado na realidade empírica no qual algumas pessoas saíram do meio rural para a Vila Manchinha, distrito de Três de Maio. Esta Vila se apresenta como um aglomerado rural, com características básicas de comércio, com ruas asfaltadas ou encascalhadas, com melhores condições de acesso a saúde e de água potável, sendo composta principalmente por agricultores e/ou pessoas que tem sua renda baseada no rural.

Todavia, na região analisada, não se observa um processo migratório das famílias para as grandes cidades, em busca de uma mudança definitiva de vida e inserção econômica, mas fundamental trata-se de um êxodo no local, sem que deixem de lidar com atividades produtivas rurais e tão poucos que perdem necessariamente sua identidade com a agricultura familiar. A localidade é composta por pequenos agricultores, com economia baseada na agricultura familiar e na diversificação das atividades. Para este estudo, tomamos a consideração apresentada por Mera e Didonet que:

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA, 2007), no Brasil existem 5 milhões de estabelecimentos agropecuários, havendo mais de 4,1 milhões (84%) de agricultores familiares. Esse setor é fundamental para produção agrícola, respondendo por cerca de 40% do Valor Bruto da Produção Agropecuária. Além disso, a maior parte da produção de alimentos básicos do país (feijão, leite, batata, mandioca, tomate, milho etc.) vem da agricultura familiar, representando grande mão de obra no meio rural. De acordo com Ferreira *et al.* (2006), a agricultura familiar responde por 2/3 dos

postos de trabalho no campo. Ainda, segundo DESER (2007), o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que tem concentrado os contratos do PRONAF. Entretanto, não se trata de uma posição conquistada recentemente, pois desde o início da utilização do programa, o estado sempre liderou essa posição, tanto em número de contratos quanto em valores aplicados (MERA, DIDONET, 2010, pg. 04).

Essas autoras ressaltam a importância da agricultura familiar, tanto na produção de alimentos como na geração de empregos no meio rural. A agricultura familiar é responsável pela produção de alimentos básicos que compõem a alimentação da população e está aliada a concentração da geração de emprego, sendo considerada a classe responsável por 2/3 dos postos de trabalho no campo.

O problema desta pesquisa é: qual o real motivo que leva os moradores do travessão da Linha Seca ao êxodo ou a migração rural? O interesse da pesquisa é identificar os principais fatores que levam alguns moradores do travessão da Linha Seca a saírem da localidade, buscando fazer um levantamento sobre os motivos a partir de alguns casos identificados.

A saída dos moradores se deu principalmente a buscarem residir na vila próxima à localidade as quais moravam, possuindo melhores condições de acesso às necessidades de acesso a saúde, lazer e bens de consumo encontrados no comércio, mas estando próxima a propriedade para voltarem a trabalhar nelas. Desta forma, os produtores não estariam desfazendo o vínculo histórico com o trabalho agrícola e nem com sua propriedade, apenas mudando de residência, para uma localidade de melhor infraestrutura e que lhes pudesse providenciar maior qualidade de vida.

A importância das pessoas permanecerem no rural está diretamente ligada à preservação da cultura, à biodiversidade, sendo que a saída dos agricultores, principalmente os jovens, acarreta na falta de mão de obra, na masculinização, no envelhecimento e a preocupação na constituição das famílias e sua sucessão.

A importância da agricultura, principalmente a agricultura familiar, na produção de alimentos, faz com que desperte o interesse nesta pesquisa, sendo que os moradores que saíram da localidade aumentaram a prática do monocultivo em suas propriedades. O objetivo geral deste trabalho foi identificar as causas do êxodo ou migração realizada pelos agricultores do travessão da Linha Seca.

Os objetivos específicos foram:

- Observar os fatores que levam à mobilidade local dos agricultores;
- Analisar as motivações para a migração que ocorre no próprio local.

Foram realizadas cinco entrevistas, uma com um morador da localidade e quatro com ex-moradores desta localidade, sendo que os relatos quanto à escolaridade, às condições de trabalho, dimensões da propriedade e outros fatores, buscam apresentar os motivos que levaram os moradores da Linha Seca a migrarem do meio rural.

A população da localidade é composta principalmente por agricultores familiares, onde na maioria das famílias permanece um dos filhos junto aos pais seguindo as atividades agrícolas, apenas com o diferencial que nos últimos anos muitos desses moradores resolveram migrar para lugares com melhor acessibilidade aos meios mais priorizados por cada família.

Esses agricultores em sua grande maioria são proprietários de pequenas áreas de terra para o cultivo, ocorrendo em alguns casos a pluriatividade (a busca por outros trabalhos simultaneamente, como agregação de renda). Outra característica dos agricultores da localidade é a diversificação das suas atividades produtivas, não sendo baseada somente em uma atividade principal para geração de renda. O trabalho pluriativo se dá através dos agricultores ou filhos de agricultores desempenharem atividades agrícolas principalmente fora da propriedade junto a outros agricultores.

A característica principal dos agricultores entrevistados é a descendência alemã e italiana, com vínculos familiares ligados às atividades agrícolas, baseadas na diversificação das atividades, composta na maioria dos que ainda moram na localidade com o trabalho com o gado leiteiro, sendo esta uma das principais atividades, aliada ao cultivo de alimentos para autoconsumo.

Este trabalho está dividido em cinco partes, a introdução, o município de Três de Maio, a migração rural, agricultura na localidade de Linha Seca e as considerações finais.

O primeiro capítulo apresentará um histórico do município onde pertence à localidade e a sua localização, aspectos relacionados à realidade rural da região, sendo que não foi possível conseguir muitos dados registrados sobre a própria localidade, apenas o relato dos moradores.

No segundo capítulo “a migração rural”, será apresentada o referencial teórico e a revisão bibliográfica interligada a realidade dos moradores.

Já no terceiro capítulo “agricultura da localidade da Linha Seca”, será apresentada a realidade vivenciada pelos moradores e ex-moradores da localidade,

partindo-se das entrevistas realizadas, focando-se, principalmente, nos aspectos apresentados acerca do trabalho, da geração de renda, de acesso à água e ao lazer.

Nas considerações finais apresenta-se uma avaliação da pesquisa realizada com o intuito de compreendermos os principais motivos que levam os moradores da Linha Seca ao êxodo e à migração rural.

A abordagem utilizada neste trabalho foi baseada no método de pesquisa qualitativa, que:

[...] Não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33).

Assim, esta pesquisa está fundamentada em livros, materiais encontrados na internet, informações adquiridas junto a EMATER, à Prefeitura e é baseada principalmente nas entrevistas com os agricultores da localidade. Cabe ressaltar que muitos dados também foram obtidos, pois a realidade pesquisada é vivenciada pelo pesquisador.

Os entrevistados foram agricultores com idade entre 28 e 50 anos, que ainda trabalham nas suas propriedades localizadas no meio rural, mas que optaram em sair do meio rural e fixar residência em outros lugares devido a vários fatores. Também, foi entrevistado um jovem agricultor que permanece morando no travessão da Linha Seca e outro jovem, ex-agricultor, que decidiu morar na cidade e não mais trabalhar na lavoura.

O interesse dos moradores em buscar residir na vila e não nas cidades está ligado ao fato da vila proporcionar condições básicas de padrões de vida encontradas na cidade, mas ligada a uma aglomeração de moradores ligados ao rural, onde também existe uma proximidade do local de trabalho, facilitando o acesso.

1- MUNICÍPIO DE TRÊS DE MAIO

O município de Três de Maio localiza-se na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, com uma área de 422 km quadrados, distante a 475 km de Porto Alegre, com uma população de 23726 habitantes em 2010. O clima é temperado, com temperaturas que variam de 20 a 35°C no verão, e de 0 a 15°C no inverno.

A figura abaixo mostra a localização do município de Três de Maio, no estado do Rio Grande do Sul.



Figura1: Localização do Município de Três de Maio.

Fonte: <http://maps.google.com.br/> Acesso dia 23 jun 2013

Vila Manchinha é um distrito de Três de Maio, na qual pertence à localidade de Linha Seca, situada a 10 km da sede do município, com uma população aproximada de 250 habitantes, predominantemente dependente do rural.

A colonização do distrito se deu através da chegada da imigração alemã e italiana, por volta de 1900, aonde os imigrantes vieram das chamadas “colônias velhas”, atraídos pelas terras férteis que aqui existiam. As terras eram compostas na época por matas fechadas, com fartura de madeira e uma grande quantidade de córregos e vertentes que corriam entre as matas.

A figura abaixo mostra a Vila Manchinha, distrito de Três de Maio.



Figura 2: Foto Aérea de Vila Manchinha.

Fonte: www.googleearth.com Acesso 10 jun 2013

No início havia poucos moradores nesta localidade, mas com o passar dos anos tanto a vila quanto o interior foram sendo mais povoados. Quase todas as famílias deste local se dedicavam a agricultura, cultivando vários produtos de autoconsumo como o feijão, a mandioca, o milho, a erva-mate, o trigo, o fumo, a batata doce, a batata inglesa, a lentilha, o centeio, a linhaça, a abóbora e vários tipos de frutíferas, como laranjeiras, bergamoteiras, macieiras, parreiras, ameixeiras, bananeiras dentre outros.

Estas famílias possuíam, em geral, uma média de dez pessoas, que auxiliavam na atividade agrícola essencialmente manual. As colheitas dessas famílias eram geralmente feitas em forma de mutirão.

Para cultivar esses produtos era preciso muito trabalho, primeiro o desmatamento com foice e machado, depois arado puxado a cavalos ou bois, produtos

plantados a mão ou “plec-plec” (máquina utilizada para plantar grãos), a capina e limpeza da roça com enxada, produtos levados com carroças, enfim, todo trabalho era manual. Com o passar dos tempos muitos adquiriram trilhadeira, na qual era trilhado o milho, a soja, o trigo sendo posteriormente levados aos moinhos para produção de farinhas.

Os produtos voltados mais para o comércio foram à madeira, carne suína, banha, charque, fumo e o leite. Esses produtos eram trocados nas vendas por produtos de necessidade básica, tais como sal, querosene, tecidos, ferramentas e medicamentos, porém quando iniciou a produção em maior escala eles começaram a ser trocados monetariamente.

A soja, o milho e o trigo no início eram produzidos para consumo humano e animal, mas com a crescente evolução do comércio houve uma intensa mudança no cenário agrícola da localidade. Com a expansão da agricultura comercial, na década de 1970, a produção de soja e trigo começou a ocupar mais espaço nas propriedades rurais e conseqüentemente o desmatamento sem limites, obcecada pelo aumento das áreas produtivas. Com isso também ocorreu à mecanização das atividades, com a chegada dos tratores, pulverizadores, arados, pé de pato, plantadeiras, colheitadeiras, etc.

A partir desta expansão com origem técnica e mecanizada, áreas de terra aumentaram de tamanho. Com o desmatamento a área produtiva aumentou o poder aquisitivo de alguns agricultores que acabaram por comprar áreas de terra dos vizinhos. Nos últimos anos ocorreu o fortalecimento da atividade de criação de gado leiteiro, o qual hoje se destaca como uma das principais atividades agrícolas e talvez como a principal geradora de renda, por atribuir uma renda mensal.

O acesso à localidade se dá através da vicinal conhecida como Linha Seca, estrada que apresenta por vezes condições precárias, acarretando ou dificultando a passagem de carro pelos moradores nos dias de chuva e a própria passagem do caminhão que recolhe o leite nas propriedades.

Nesta localidade a população ainda não foi beneficiada com a chegada de água potável por rede de água encanada, tendo somente água de poços com águas superficiais ou vertentes sem tratamento.

A figura abaixo mostra o travessão da Linha Seca.



Figura 3: Foto Aérea do Travessão da Linha Seca

Fonte: www.Googleearth.com acesso 10 jun 2013

A tabela 1 apresenta-se dados sobre a população total dos municípios da região e também a população urbana versus rural.

Vemos na tabela que o município de Três de Maio apresenta a terceira maior população residente na cidade dos municípios da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, o que pode caracterizar a busca dos agricultores pela cidade.

Tabela1: População residente, por situação do domicílio.

População residente, por situação do domicílio.					
Unidade da Federação e Município	Variável X Situação do domicílio				
	População residente (Pessoas)			Urbana	Rural
	Total	Urbana	Rural		
Rio Grande do Sul	10.693.929	9.100.291	1.593.638	85,1	14,9
Alegria	4.301	1.585	2.716	36,85	63,15
Boa Vista do Buricá	6.574	4.366	2.208	66,41	33,59
Boa Vista do Cadeado	2.441	472	1.969	19,34	80,66
Boa Vista do Incra	2.425	724	1.701	29,86	70,14
Bom Progresso	2.328	1.146	1.182	49,23	50,77
Crissiumal	14.084	6.124	7.960	43,48	56,52
Cruz Alta	62.821	60.594	2.227	96,46	3,54
Doutor Maurício Cardoso	5.313	2.619	2.694	49,29	50,71
Fortaleza dos Valos	4.575	2.993	1.582	65,42	34,58
Giruá	17.075	12.907	4.168	75,59	24,41
Horizontina	18.348	14.569	3.779	79,4	20,6
Humaitá	4.919	2.911	2.008	59,18	40,82
Independência	6.618	4.157	2.461	62,81	37,19
Inhacorá	2.267	1.346	921	59,37	40,63
Nova Candelária	2.751	709	2.042	25,77	74,23
Novo Machado	3.925	1.553	2.372	39,57	60,43
Palmeira das Missões	34.328	29.831	4.497	86,9	13,1
Pejuçara	3.973	2.672	1.301	67,25	32,75
São José do Inhacorá	2.200	832	1.368	37,82	62,18
São Martinho	5.773	3.441	2.332	59,61	40,39
Sede Nova	3.011	1.581	1.430	52,51	47,49
Tiradentes do Sul	6.461	2.098	4.363	32,47	67,53
Três de Maio	23.726	18.962	4.764	79,92	20,08
Tucunduva	5.898	4.035	1.863	68,41	31,59
Total	246.135	182.227	63.908		
%	100,00	74,04	25,96		

Fonte: IBGE Censo 2010.

A tabela 2 demonstra dados sobre o número de estabelecimentos por atividade, mas também a média de hectares de terra por família nos municípios da região.

Nesta tabela vemos que a composição da maior parte dos municípios da região Noroeste se iguala praticamente a média de área de terra apresentada pelo município de Três de Maio, que apresenta pequenos proprietários de terra, tendo-se maior diversificação das atividades.

Tabela 2: Área Geográfica, Área Média das Propriedades e Estabelecimentos Agropecuários por atividade.

Município	Área Geográfica (Km ²) ¹	Média Propriedade e (Ha) ²	Número de estabelecimentos por			
			Agricultura ³	Extração Vegetal	Horticultura	Pecuária ⁴
Alegria - RS	172,7	12,7	711	2	7	474
Boa Vista do Buricá - RS	108,7	12,2	249	3	6	502
Boa Vista do Cadeado - RS	701,1	76,5	376	0	19	166
Boa Vista do Incra - RS	503,5	55,8	435	0	4	120
Bom Progresso - RS	88,7	15,5	301	0	8	121
Crissiumal - RS	362,2	12,3	1.344	78	39	1.110
Cruz Alta - RS	1.360,4	132,4	394	1	37	144
Doutor Maurício Cardoso - RS	252,7	16,5	1.049	1	10	220
Fortaleza dos Valos - RS	650,3	64,2	442	1	7	132
Giruí - RS	855,9	43,8	971	2	20	389
Horizontina - RS	232,5	15,6	815	5	41	389
Humaitá - RS	134,5	16,8	311	2	8	366
Independência - RS	357,4	21,8	952	1	4	363
Inhacorá - RS	114,1	27,6	336	0	0	35
Nova Candelária - RS	97,8	13,1	177	0	5	469
Novo Machado - RS	218,7	14,7	962	0	5	220
Palmeira das Missões - RS	1.419,4	54,2	1.020	4	23	488
Pejuçara - RS	414,2	57,3	497	1	4	108
São José do Inhacorá - RS	77,8	13,0	268	9	3	204
São Martinho - RS	171,7	15,5	542	0	6	404
Sede Nova - RS	119,3	19,5	287	0	2	218
Tiradentes do Sul - RS	234,5	12,0	901	2	9	733
Três de Maio - RS	422,2	17,7	1.468	9	20	561
Tucunduva - RS	180,8	18,9	620	4	8	219
Total	9251,2		15.428	125	295	8.155

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2006

(1) IBGE Cidades

(2) Tabela 1244

(3) Lavoura permanente e Lavoura Temporária

(4) Pecuária e criação de outros animais

Diante dos dados apresentados pelas tabelas vemos que o município está baseado fortemente nas atividades da pecuária e que o crescimento da área urbana pode ser um resultado da migração das pessoas do campo a cidade pela oferta de emprego do mesmo.

A cidade apresenta um comércio e indústria com boa diversificação de atividades e oferecendo empregos nos mais diversos setores, o que pode de certa forma ser atrativo para muitos agricultores que procuram uma estabilidade financeira ou mesmo melhores condições de vida através de acesso a saúde, educação, lazer ou emprego remunerado mensalmente com as seguridades de um trabalho com carteira assinada possa proporcionar.

A instalação de novas e grandes indústrias pode estar ligada a atração principalmente de jovens rurais, pela oferta de emprego, onde muitas ofertam empregos

nos mais variados setores com grande variedade de postos de trabalhos, exigindo por vezes pouca experiência, ofertando cursos de especialização em cada área de atuação.

Outro fator que propicia a procura dos jovens principalmente para a cidade está ligado no fato da cidade oferecer trabalho em períodos integrais durante o ano todo, sendo que no rural está baseado em períodos principalmente de plantio e colheita, o que acaba não sendo satisfatório a muitos e também não apresentando com isso emprego fixo e sem as garantias dos direitos trabalhistas.

2 – MIGRAÇÃO RURAL

Neste capítulo serão apresentados alguns autores que discorrem sobre a migração rural, o desenvolvimento rural e as políticas públicas, a agricultura familiar e o êxodo rural. Partimos do debate conceitual mais amplo sobre migração e mobilidade no campo a fim de demonstrar que tais processos são mais diversificados e apresentam outras configurações.

A saída da população do meio rural impacta diretamente no meio urbano, como principalmente nas consequências deixadas no rural. Segundo Vantropa e Brumes (2009):

A concentração de pessoas nas cidades aumenta os problemas sociais, como acesso a saúde e aumento da concorrência às vagas de trabalho, além de ocasionar a desestruturação das famílias camponesas “ocasionando a perda das raízes e dos valores que esse jovem do campo deve prezar para perceberem a importância em valorizar o local onde vive, com relação à biodiversidade, a cultura, além de tudo perceber a qualidade de vida que no campo possuem”, assim como no meio rural acarreta falta de mão de obra, masculinização, envelhecimento da população rural, preocupação com a constituição de famílias, assim como comprometendo a sucessão familiar (VANTROBA e BRUMES 2009, p.86).

Consideramos esse tipo de argumentação com um pré-juízo de valor muito amplo. Há aspectos em evidência na realidade que merecem uma maior sensibilidade analítica. Alguns processos migratórios, como aquele que estamos analisando neste estudo, não demonstram uma intenção dos atores em abandonar as práticas rurais que desenvolvem há muito tempo. O fato que aqui analisamos não repercute o processo intenso dos movimentos migratórios dos anos 1960-80, pois não significam uma mudança de vida. Trata-se de uma migração do rural para o próprio rural, não caracterizando um êxodo do meio rural para o meio urbano. Os casos analisados expressam um “êxodo” do meio rural mais profundo para um meio rural mais urbanizado, movimento recente que está contextualizado mais intensamente nos distritos e nos povoados rurais.

2.1- DESENVOLVIMENTO RURAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E AGRICULTURA FAMILIAR

Quanto ao desenvolvimento rural no Brasil, as políticas públicas atestam uma dualidade do modo rural. Conforme Conterato e Fillipi (2009, p. 13), [...] “Tal dualidade se evidencia pela partilha, desigual, de terras entre a agricultura de cunho

familiar e a agricultura patronal”[...], apresentando uma divisão de interesses quanto aos seus propósitos da prática agrícola. Assim, [...] “A pequena produção - familiar e camponesa - ficou relegada a um plano marginal, apenas dinamizada através de políticas públicas específicas implementadas a partir da década de 1990”, apresentando vários programas de apoio à produção agrícola familiar, como programa de aquisição de produtos oriundos da agricultura familiar na merenda escolar, o crédito para aquisição de terras para pequenos agricultores, financiamentos a juros mais baixos e em alguns investimentos abates de parte do valor destinado aos pequenos produtores rurais, são algumas das políticas atuais voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar.

A agricultura a partir da Revolução Verde passa a tomar um rumo mais voltado ao uso das máquinas e a uma prática agrícola voltada à produção de grãos, onde com o uso da tecnologia busca-se a produção cada vez maior nem sempre atrelada à maior geração de renda aos agricultores, mas sim a uma maior dependência química das grandes multinacionais, controladoras dos insumos e químicos usados nas lavouras.

Com a mecanização das práticas agrícolas a agricultura baseada no uso intensivo da mão de obra passa a ser deixado de lado, prevalecendo o uso de tratores, plantadeiras e colheitadeiras, passando a agricultura familiar a um segundo plano, tendo a mesma que buscar seu espaço na luta por crédito.

Ainda Conterato e Fillipi (2009) afirmam sobre a agricultura familiar que:

[...] “a legitimação da noção da agricultura familiar se inscrevia na luta por crédito, pela reforma agrária e por outras bandeiras que permitissem garantir condições de produção para uma categoria social que aos poucos foi sendo reconhecida como a mais disseminada no meio rural brasileiro” (CONTERATO, FILLIPI, 2009, p. 14).

Assim, podemos entender que a organização dos agricultores familiares como uma classe importante, foi fundamental para criação de demandas específicas desta classe, como o acesso ao crédito, à pauta pela reforma agrária e outras questões importantes. Nos dias atuais, a agricultura familiar tem papel importante na economia do Estado e do país, mas ela passou a ter maior relevância, como já citado anteriormente, somente a partir dos anos 1990, principalmente por três fatores: a emergência dos movimentos sociais ligados ao sindicalismo rural, à criação do PRONAF em 1996 (primeira política pública voltada à agricultura familiar) e, também, ao novo cenário dos debates acadêmicos sobre o rural (FROEHLICH et al, 1999).

Abramovay (1998) aponta que a lógica da agricultura familiar está focada na diversificação, havendo a necessidade da maior valorização do Estado a essa categoria,

para que haja uma garantia de sua estabilidade e permanência, com o apoio de políticas públicas destinadas ao setor.

A valorização do Estado para com a agricultura familiar se consolida através de políticas públicas voltadas ao setor, para que haja uma garantia de sua estabilidade financeira e consequentemente a permanência na atividade.

Uma forma de crédito destinada às famílias de pequenos agricultores que vem dando grande incentivo à permanência dos mesmos no campo é a liberação de “crédito rural”, que é um crédito liberado pelo governo para agricultores com pouca ou nenhuma área de terra própria, para aquisição de terra. Segundo Brum e Trennepohl (2005):

A produção familiar tem-se caracterizado pela pequena propriedade, pelo trabalho familiar, pela diversificação agrícola, com a renda advinda das lavouras de milho, feijão, pecuária, suinocultura e outros produtos. Muitas vezes ocorre um processo de policultura, subordinada a algum produto (por exemplo, a soja, ou a suinocultura, ou...), que se tornou a principal fonte de renda da família. Alguns, além de manterem um produto como o principal, que garante uma renda anual, buscam ter um segundo produto que possibilita uma renda mensal. Por exemplo, a produção de leite (BRUM, TRENNEPOHL, 2005, p. 93).

Os produtores familiares tem sua base na diversificação da produção de alimentos como geração de renda. A maior parte dos agricultores mantém uma atividade principal, vinculada à outra atividade que lhes proporcione uma renda mensal.

A principal característica das pequenas propriedades está vinculada a diversificação das atividades como geração de renda, onde se concentra uma a duas atividades como principais, geralmente a produção de soja e milho e a atividade leiteira, mas concentrando outras atividades menores como produção de produtos para autoconsumo, tanto como também as mais variadas frutíferas e produtos menores como as verduras e legumes produzidos nas hortas dos agricultores.

Com saída dos pequenos agricultores do campo, as pequenas propriedades vinculadas à diversificação das atividades, acabam por dar espaço as grandes propriedades vinculadas à produção de grãos, principalmente a soja, o milho e o trigo.

Apesar das grandes propriedades avançarem de maneira gradual em direção as pequenas propriedades rurais, ainda assim permanecem pequenos agricultores, que tem o trabalho na atividade como único meio de trabalho e a propriedade como único local de morada, não objetivando uma busca por outros trabalhos ou a migração para lugares que possam oferecer melhores condições de vida.

Os agricultores da localidade pesquisada estão baseados na agricultura familiar e apresentam uma mudança na prática da agricultura que hoje está passando da tradicional, para moderna. A agricultura tradicional estava baseada no cultivo de alimentos para autoconsumo e uso maior de mão de obra. Conforme Wolf (2013) e Otoboni (2013), a agricultura tradicional é desenvolvida por pequenos produtores e destina-se a subsistência da família.

Já a agricultura moderna passa a considerar a prática da monocultura e o uso intensivo de máquinas e insumos. Segundo Brum (1988):

É a fase agrícola que se caracteriza pelo uso intensivo, a nível das unidades produtoras, de máquinas e insumos modernos, bem como por uma maior racionalização do empreendimento e pela incorporação de inovações técnicas, quer dizer, a utilização de métodos e técnicas de preparo e cultivo do solo, de tratos culturais e de processos de colheita mais sofisticados (BRUM, 1988, p.60).

Desta forma, algumas localidades se adaptam ao modelo de agricultura moderna, o que acaba por aumentar as propriedades no sentido da produção e para explorar mais áreas agrícolas, ocasionando o processo de êxodo rural, muitas vezes.

Diante do exposto pelos autores, podemos destacar que, a agricultura familiar apresenta papel importante na geração de renda e emprego na pequena propriedade, já que está baseada na pequena propriedade, na diversificação das atividades e no uso de mão de obra familiar.

A agricultura familiar passou a ter um papel mais respeitado pelas políticas públicas somente a partir da década de 1990 e atualmente as atividades agrícolas estão compostas como práticas agrícolas modernas, o que é considerado pelo uso intensivo do solo e das máquinas agrícolas.

A agricultura familiar vinculada as práticas da agricultura moderna se concentra na diversificação de atividades geradoras de renda, havendo rendas anuais, como a produção de grãos e as rendas mensais como atividade leiteira, horticultura, agroindústria e outras atividades que atribuam uma renda mensal aos demais integrantes da família, onde o trabalho considere a ocupação e geração de renda aos filhos dos agricultores também.

Onde a geração de renda se concentra em poucas atividades rurais ou não cativam a vontade dos filhos dos agricultores, estes passam a procurar por trabalho fora da propriedade.

2.2- ÊXODO RURAL

O êxodo rural é a migração dos moradores do meio rural para as vilas e cidades, geralmente ocasionadas pela busca de melhores condições de vida, ou acesso a melhores condições econômicas e sociais. Segundo Camarano e Abramovay (1999), o êxodo rural corresponde aos movimentos migratórios responsáveis pelo processo de esvaziamento da população rural.

Essa saída da população do meio rural impacta diretamente no meio urbano, para onde ocorre geralmente a migração rural. Segundo Vantroba e Brumes (2009):

A concentração de pessoas nas cidades aumenta os problemas sociais, como acesso a saúde e aumento da concorrência às vagas de trabalho, além de ocasionar a desestruturação das famílias camponesas “ocasionando a perda das raízes e dos valores que esse jovem do campo deve prezar para perceberem a importância em valorizar o local onde vive, com relação à biodiversidade, a cultura, além de tudo perceber a qualidade de vida que no campo possuem”, assim como no meio rural acarreta falta de mão de obra, masculinização, envelhecimento da população rural, preocupação com a constituição de famílias, assim como comprometendo a sucessão familiar (VANTROBA e BRUMES 2009, p.86).

As causas da migração rural para a cidade acarretam numa série de consequências, como a disputa por empregos, procura por acesso a saúde e educação, além da perda da cultura voltada ao rural, de sua valorização ao meio em que vive e deixando como consequência no rural como falta de mão de obra, masculinização e envelhecimento, acarretando diretamente quanto à constituição das famílias rurais que seriam responsáveis por dar sequência às atividades rurais futuras.

A realidade rural encontrada na localidade da Linha Seca não é considerada como êxodo rural, pois na maioria dos casos os agricultores que mudaram de endereço, o fizeram unicamente como mudança de morada e não abandonaram a atividade agrícola na propriedade, podendo ser considerado como uma migração rural. Sobre a migração, Singer (1980) aponta:

“quando uma classe social se põe em movimento, ela cria um fluxo migratório que pode ser de longa duração e que descreve um trajeto que pode englobar vários pontos de origem e de destino. É o fluxo migratório que pode ser de longa duração e que descreve um trajeto que pode englobar vários pontos de origem e de destino” (SINGER, 1980, apud MACIEL, 2011 p.08).

A migração é exposta como o deslocamento de uma classe social que pode ter um período de tempo variado e pode ter diferenças de origem e destino. Neste caso a migração da população da localidade da Linha Seca é por local de morada e não por busca por terra ou melhores condições de terra para o trabalho.

Geralmente a migração ocorre pela busca por melhores oportunidades de trabalho ou de melhores condições de terra para o trabalho, diferente do que é analisado na localidade pesquisada, onde a migração ocorre pela busca de moradas mais próximas dos meios que zelam por melhores condições de vida, principalmente no que diz respeito ao acesso a saúde e lazer. Para Brum (2005),

Inúmeros movimentos migratórios ocorreram em diferentes regiões do país, ao longo de sua história. Em geral as pessoas se deslocam em busca de melhores condições de vida. Um tipo de migração é aquele que ocorre do campo para a cidade. Esse movimento se manifestou com mais ênfase sobretudo na segunda metade do século XX. E continua a ocorrer, embora em ritmo menor. Em 1940, mais de dois terços (68,76%) da população brasileira viviam na zona rural. Sessenta anos mais tarde, em 2000, esse percentual havia se reduzido a 18,8%, e com tendência declinante (BRUM, 2005, p.43).

Na história brasileira já ocorreram vários processos migratórios, onde as pessoas buscam melhores condições de vida. Esse processo ocorreu e continua ocorrendo numa crescente do meio rural em direção ao meio urbano, onde nas últimas décadas a população urbana teve um crescimento surpreendente em consequência do esvaziamento do meio rural.

Tabela 3: Brasil- Evolução da população rural/população total

	População Rural (Total)	População Rural/ População Total (%)
1950	38.291.775	63,8
1960	38.767.423	54,6
1970	41.054.053	44,1
1980	38.509.893	32,4
1991	35.231.268	24,5
1996*	33.879.211	22,0
2000	31.847.004	18,8

Fonte: IBGE, Censos demográficos e *Contagem da População apud CONTERATO e FILLIPI (2009, p. 34).

Na tabela 3 apresentam-se os dados da população rural a partir de 1950 no Brasil. A migração da população rural para as vilas e cidades, ocorre em uma crescente,

pois na tabela fica apresentada a expressiva diminuição da população rural a partir da década de 1950.

Na localidade a que se refere o trabalho, nem todos os moradores que saíram partiram em busca da cidade, mas sim a maioria partiu para vilas próximas das suas propriedades e continuam exercendo a atividade agrícola, mas com alguns requisitos de acessibilidade.

Um fato relevante que aparece em crescente é o êxodo rural principalmente feminino, onde as moças deixam o campo antes e em uma proporção maior que os rapazes. Esta situação ocorre não expressivamente pelo fato da cidade oferecer melhores condições de trabalho, mas sim pelo fato do rural oferecer menores chances de perspectivas às mulheres quanto a trabalho e estudos, sendo que as escolas rurais não apresentam condições para a formação de níveis superiores e a partir do momento que os filhos de agricultores saem para estudar nas cidades, apresentam um menor índice de permanência no rural.

A mudança das atividades agrícolas e o direcionamento da agricultura moderna são as principais causas da masculinização do campo. Quanto a isso, Ribeiro e Filho (2010) destacam que:

Anteriormente, os códigos éticos e morais tão bem descritos por Woortman, (1994), estimulavam a mulher a permanecer no campo como um elo fundamental da cadeia produtiva. Neste sentido, o processo de saída das moças do rural faz parte do declínio do próprio caráter patriarcal que caracteriza tradicionalmente a família camponesa (RIBEIRO, FILHO, 2010, pg. 03).

Na localidade onde foi realizada a pesquisa existe um alto índice de masculinização na atividade agrícola, onde existem mulheres em número muito inferior ao dos homens e, mesmo os homens que são casados ou têm uma relação marital estável algumas destas não exercem atividade junto ao marido na propriedade. Segundo Ferrarri et al (2004):

Somente entre jovens rurais com idade superior a 25 anos e com baixa escolaridade, apresenta-se um índice maior de estímulo para permanecer na atividade, pois sua vida já está organizada em torno do estabelecimento familiar, as relações sociais estão construídas levando sua condição de agricultor. Além disso, sua preferência em permanecer na agricultura parece se apoiar na percepção realista de que sua condição educacional não permite vislumbrar um futuro promissor fora do meio rural e da agricultura. Trata-se aqui de um exemplo de privação de capacidade (Sem, 2000), que determina uma limitação às possibilidades de escolha. As respostas variam também segundo as classes de renda das famílias rurais. O desejo de permanecer na agricultura “como proprietário” cai conforme declina a categoria de renda considerada (FERRARI et al 2004, pg. 04).

Os jovens com idade superior a 25 anos, segundo os autores, estão mais propícios a permanecer na agricultura por sua vida já estar atrelada ao estabelecimento, as relações sociais ou mesmo seu modo de viver já está atrelado ao meio rural. Outro fator indicado é quanto à condição educacional dos agricultores que geralmente quanto menor o tempo de estudos maior as chances de permanecer na agricultura. Assim, os autores indicam a influência dos estudos no meio êxodo rural, onde:

Outra questão que aparece como pressuposto ao êxodo rural é o sistema educacional, sendo que o mesmo leva muitas vezes os filhos de agricultores a estudarem nas cidades e o estudo não está voltado ao meio rural. Sendo o modelo educacional e o conteúdo repassado aos jovens rurais pode ser analisado sob a noção de “violência simbólica”, utilizada por Bourdieu (1970). O autor diz que esse é um mecanismo que faz com que indivíduos vejam como “naturais” as representações ou as idéias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apóia o exercício da autoridade. Bourdieu considera que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos de ensino e de avaliações, relações pedagógicas, práticas lingüísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre alunos de classes populares, como é o caso dos adolescentes e jovens filhos de agricultores (FERRARI et al 2004, pg. 19).

A forma de educação voltada ao meio urbano pode ser analisada sob a noção de “violência simbólica” pelos jovens rurais, por apresentar toda a cultura escolar como própria da classe dominante, neste caso, referindo-se aos jovens do meio urbano.

As questões voltadas ao êxodo rural, expostas pelos autores são perceptíveis de várias formas em cada localidade, onde algumas situações são percebidas com mais intensidade em algumas regiões e por outras nem tanto.

Já Froehlich et. al (2011) apresentam que:

A dinâmica populacional do rural brasileiro tem sido marcada pela drástica diminuição da população, principalmente nos últimos 50 anos. Atualmente, em percentuais absolutos essa diminuição perdeu a intensidade, entretanto, ainda continua presente, e, em algumas regiões, mantém-se acentuada. Todavia, agora, o êxodo rural apresenta-se revestido de duas novas formas: a masculinização e o envelhecimento da população rural (FROEHLICH et al 2011, pg. 02).

Os autores apontam que houve uma drástica diminuição da população rural no Brasil, mas esta diminuição perdeu a intensidade atualmente.

As formas de masculinização na agricultura apresentadas pelos autores, como resultado do êxodo rural, podem ser analisadas, em parte, na localidade pesquisada, sendo que as entrevistas apresentam que três, dos cinco entrevistados, trabalham

sozinhos na propriedade ou com ajuda dos pais, já aposentados, sem haver um trabalho feminino, exceto os de suas mães.

A agricultura de pequeno porte está fortemente baseada em agricultores com idade avançada, sendo que muitos jovens estão partindo do rural para as cidades em busca de melhores condições de conquistarem uma carreira profissional, para uma estabilidade financeira. Grande parte da economia rural de nosso município está concentrada na geração de renda através da criação de gado leiteiro e dos recursos oriundos dos benefícios recebidos pelos aposentados rurais. O envelhecimento rural é um fator que vem fortemente marcando presença.

Além do envelhecimento rural, outro fator que é levantado como relevante na questão do êxodo rural é a questão da renda na agricultura.

A geração de renda agrícola, apesar de apresentar várias fontes através da diversificação das atividades, é uma renda tanto mensal quanto anual com oscilações ou valores incertos, sem uma estabilidade e também sem as seguridades de um trabalhador urbano. A partir disso, um dos entrevistados, o qual buscou uma carreira profissional na cidade, demonstrou que o motivo pelo qual fixou residência na cidade foi à geração de renda. Segundo ele:

A busca por outras atividades era necessária, para adquirir renda, pois a propriedade atendia somente as condições básicas para o sustento da família, motivo o qual levou primeiramente a eu sair do interior a 9 anos e posteriormente o restante da família (pai, mãe e irmão) à 5 anos. A qualidade de vida proporcionada no interior deixava muito a desejar, tanto em condições financeiras, como nos mais diversos fatores, como forma de trabalho, acesso da propriedade as estradas vicinais, lazer e educação (ENTREVISTADO “D”, Administrador, 2013).

Para muitos pequenos agricultores ou filhos de agricultores se apresenta como necessária a busca por atividade fora da propriedade como geração de renda, tanto para atender as necessidades da família, como muitas vezes, para anseio dos jovens que buscam sua própria garantia de renda.

Mas, também, existem agricultores que apresentam uma geração de trabalho e renda maiores, que faz com que atente o interesse dos filhos em permanecerem na agricultura junto aos pais ou mesmo independentes, mas seguindo a atividade.

Já segundo outro entrevistado, o motivo em permanecer na propriedade é apresentado enquanto um pertencimento: “nasci e me criei aqui e tenho trabalho e ainda gosto do que faço, tenho boas oportunidades de trabalho aqui” (“E”, 2013).

Existem agricultores onde a oferta de trabalho e de renda apresenta-se como satisfatórias aos agricultores e aos filhos, sendo até muitas vezes necessária a ajuda dos

filhos nas atividades desempenhadas. Caso não haja o auxílio dos filhos aparece como necessária a contratação de um funcionário para exercer as atividades.

Vimos neste capítulo, portanto, que a migração e o êxodo rural, ocorrem, segundo os autores, em muitos casos, pela procura de melhores condições de vida para as famílias rurais. A migração rural acarreta em muitos aspectos, como a concentração das pessoas no meio urbano, a diminuição da mão de obra rural, a perda da cultura do meio rural, a masculinização e o envelhecimento rural.

A migração rural está voltada somente a saída dos moradores em busca de melhores condições de vida, mas possibilitando os agricultores a trabalharem no meio rural, enquanto que o êxodo rural é à saída do campo tanto para questões de morada como também de trabalho.

Estas características apontam para uma nova paisagem do modelo rural, onde estava composta principalmente pelo trabalho familiar e ligado mais ao uso da mão de obra e diversificação das atividades, passa a concentrar-se mais em atividades específicas e mais especializadas, com uso menor de mão de obra e maior da mecanização e exploração da terra.

As atividades praticadas pela agricultura atual apresentam uma especialização a fim de gerarem mais renda, através de uma diminuição de custos e aumento de produção a cada trabalho desempenhado, por exemplo, a diversificação das atividades com a criação de agroindústrias, onde produtos que primeiramente serviam apenas para autoconsumo, hoje caracterizam a algumas famílias como grande geradora de renda.

Desta forma otimiza-se uma agricultura voltada a geração de renda nos mais variados setores de produção, tanto de grãos, como de produtos que antes tinham um respaldo de autoconsumo agora passando a atribuir renda a família, como no caso da localidade pesquisada a atividade de horticultura desempenhada por uma família.

Portanto, verificamos através das entrevistas realizadas com alguns ex-moradores e um morador da localidade, que existe a migração rural em busca de melhores condições de vida, mas não um afastamento maior da propriedade, devido à continuação das atividades agrícolas e pela vila próxima apresentar características dos moradores similares aos da localidade, pelo forte vínculo com o rural.

Neste trabalho foi verificada uma maior ligação da migração rural e com menor intensidade o êxodo rural, onde podemos perceber através da pesquisa realizada junto à localidade, as quais serão apresentadas no próximo capítulo.

3 – A AGRICULTURA NA LOCALIDADE DA LINHA SECA

Nos últimos anos, alguns agricultores do travessão da Linha Seca começaram a migrar para a Vila Manchinha em busca de melhores padrões de vida, pois o travessão é conhecido por dificuldade de acesso em dias úmidos e chuvosos, por ser de terra vermelha, dificultando a passagem de veículos.

Observa-se que as propriedades rurais estão sofrendo um esvaziamento contínuo, onde os agricultores que não trabalham com a atividade leiteira principalmente partem em busca de moradias mais próximas as vilas ou cidades, onde oferecem mais facilidade de acesso às necessidades básicas, como ao comércio e à saúde.

A realidade dos entrevistados é de idade superior aos 25 anos, onde dos cinco entrevistados, um não pertence à atividade agrícola e foi para a cidade em busca de uma carreira profissional. Outro havia trabalhado por sete anos como caminhoneiro e retornou a atividade agrícola. Já os outros três nunca buscaram outra oportunidade além do trabalho na agricultura.

Os agricultores entrevistados da Linha Seca apresentam um perfil muito parecido quanto às atividades que realizam a identidade que possuem e suas posições em relação à localidade, onde desempenham as atividades rurais para geração de renda, com uma área de terras não muito extensas, exceto o entrevistado que continua morando na localidade, sendo este considerado para a localidade um agricultor de porte médio, em relação à extensão de terras que possui juntamente com seus pais e seu irmão.

A localidade traz um quadro de pessoas que desempenham as mesmas atividades, como a produção de grãos, soja, trigo e milho e a atividade leiteira para os moradores que ainda permanecem na localidade e também o plantio de alguns produtos para seu próprio consumo, como, feijão, abóbora, batata, batata doce, entre outros e exercem também trabalhos fora da propriedade, na prestação de serviços, como fator até de permanência na atividade como renda extra.

O quadro a seguir demonstra alguns dados dos entrevistados.

Tabela 4: Perfil dos entrevistados e situação da propriedade.

ENTREVISTADO	ESTADO CIVIL	DIMENSÃO DA PROPRIEDADE	MORADIA	NÚMERO DE INTEGRANTES DA FAMÍLIA	IDADE	ESCOLARIDADE
A	Solteiro	15 Ha dos pais	Na vila	Ele + pai e mãe	46	Fundamental Incompleto
B	Solteiro	9 Ha próprios + 5 arrendados	Na vila	Ele + mãe e sobrinho	39	Fundamental Incompleto
C	Solteiro	15 Ha próprios	Na vila	Ele + pai e mãe	50	Superior Incompleto
D	Solteiro	Ex-agricultor	Na cidade	Ele + pai, mãe e irmão	28	Superior Incompleto
E	Casado	35 ha próprio, trabalha em 105 ha junto aos pais	Linha Seca	Ele e esposa	32	Médio completo

Fonte: Elaborado pelo autor.

O entrevistado “A” tem 46 anos, é solteiro e convive junto com seus pais, apesar de ser ele o responsável pelo trabalho na propriedade. Ele explica que se mudou para a vila há seis anos, para priorizar uma qualidade de vida melhor aos pais que são aposentados, e agora estão mais próximos a recursos médicos e de lazer. Os 15 hectares de terra trabalhados, são de propriedade da família, sendo mais três hectares próprios. Com a mudança da moradia para a vila a única atividade que foi extinta foi a criação de gado bovino de leite. Dedicar parte do tempo a trabalho a terceiros, como geração de renda. Na propriedade é praticado o cultivo de soja, milho e trigo. Junto à moradia cultiva alguns produtos de autoconsumo, como mandioca, batata, feijão e criam alguns suínos. O entrevistado cursou até a 6ª série do ensino fundamental. Para ele,

“A mudança de moradia para a vila foi para proporcionar uma vida melhor aos meus pais, principalmente no acesso a saúde e diminuição do trabalho, principalmente direcionado ao trabalho com o gado leiteiro. A mudança para a vila foi muito boa, agora os pais não precisam trabalhar muito e estando próxima do atendimento a saúde e tem uma vida mais tranquila. A vida mais tranquila sem a exigência de cumprimento de horário específico para as tarefas ou mesmo pouco trabalho a desempenhar, proximidade a atendimento médico, a lazer (como jogo de cartas com vizinhos e amigos em casa ou nos bares e facilidade de acesso para se deslocar por vias em bom estado de conservação e/ou asfaltadas)” (Entrevistado “A”, Agricultor, 2013).

O entrevistado continua realizando as atividades agrícolas que também exercia na antiga morada junto à propriedade, exceto a atividade leiteira e afirma levar uma vida mais tranquila, tanto ele, quanto seus pais.

O entrevistado “B” tem 39 anos, é solteiro e reside junto com sua mãe e seu sobrinho na nova morada na vila há três anos. O mesmo possui nove hectares de terra próprios e mais cinco arrendados, onde cultiva soja, milho, trigo e criação de gado de corte. Junto à morada cultiva juntamente com sua mãe e o sobrinho alimentos de autoconsumo, criação de suínos e de bovinos para consumo próprio. Com a mudança para a vila, o entrevistado mudou a atividade de criação de gado leiteiro, por gado de corte. Cursou até a 6ª série do ensino fundamental. Para ele, a mudança se deu porque

[...] “o acesso era difícil e como necessitava fazer o trajeto várias vezes por trabalhar fora isso dificultavam muito e também por apresentar poucos vizinhos e a mãe ficando muito tempo sozinha quando eu trabalhava fora. Aqui consigo conciliar o meu trabalho na propriedade com o trabalho que presto a terceiro e tendo a mãe mais próxima de vizinhos e recursos a saúde principalmente. Essa mudança proporcionou maior tranquilidade no controle de meu tempo [...] Continuo trabalhando na propriedade, extingui a atividade leiteira e mantenho apenas a de gado de corte e a de produção de grãos como soja, milho e trigo. Apenas passando um tempo maior na propriedade nos períodos de plantio e o restante do tempo trabalhando para terceiro na colheita e pulverização como operador de máquina, sendo que ocupa quase todo meu tempo disponível” (Entrevistado “B”, Agricultor, 2013).

O entrevistado afirma que um dos principais motivos de sua mudança era pelo fato de se deslocar quase diariamente da propriedade para a vila para trabalhar a terceiros, na prestação de serviços e deixando sua mãe sozinha em casa às vezes até altas horas da noite, sendo que seu sobrinho somente veio morar junto com eles uns três meses antes da mudança de moradia.

O entrevistado “C” tem 50 anos, é solteiro e reside junto com seus pais na vila há sete anos. Ele voltou a trabalhar na agricultura há dois anos, após ter perdido o sobrinho em acidente de trânsito. Trabalhou como caminhoneiro por sete anos, sendo anteriormente agricultor e agora, com o auxílio de um plano do governo para a compra de terra, adquiriu 15 hectares de terra própria, podendo ser pagável em um prazo de 20 anos. A mudança de morada dos pais foi o motivo que o faz morar longe da propriedade, mas ressalta ser muito melhor morar na propriedade, como diminuição de custos no deslocamento e por estar mais tempo disponível para o trabalho. Argumenta que se fosse casado, faria morada junto à propriedade. Suas atividades são o cultivo de soja, milho, trigo, hortaliças e criação de gado de corte. Iniciou o ensino superior, mas sem concluí-lo. Segundo ele,

É muito melhor morar no interior [...]. No interior tem uma vida mais tranquila. Trabalhei por 7 anos como caminhoneiro, mas parei depois de

perder um sobrinho em acidente de trânsito [...]. O trabalho na propriedade é melhor do que outro trabalho, apenas não me proporciona uma estabilidade financeira [...]. Gosto muito do rural (Entrevistado “C”, Agricultor, 2013).

O entrevistado “C” apresenta grande motivação pelo trabalho na agricultura e apenas lamenta o fato de ter mudado para a vila para acompanhar os pais que já apresentam idade superior a 70 anos, caso estivesse casado voltaria a morar na propriedade.

O entrevistado “D” tem 28 anos, é solteiro e reside com os seus pais na cidade. O mesmo saiu do interior e foi morar na cidade há nove anos, sendo que seus pais saíram do interior há apenas cinco anos. Eles eram proprietários de oito hectares de terra junto ao travessão da Linha Seca. O entrevistado exerce hoje a função de serviços administrativos em uma cooperativa e está cursando ensino superior. A propriedade foi vendida há um ano, pois todos os membros da família possuem emprego na cidade e não havia mais nenhum vínculo de trabalho na propriedade. Então, para ele,

O objetivo de vir para a cidade foi à busca por uma melhor qualidade de vida, [...] A busca por uma carreira profissional que possa me permitir no futuro próximo me proporcionar uma estabilidade financeira, [...] motivo o qual levou primeiramente eu sair do interior a 9 anos atrás e posteriormente o restante da família (pai, mãe e irmão) à 5 anos (Entrevistado “D”, Agricultor, 2013).

O entrevistado “D” admite que as possibilidades de a agricultura proporcionar uma estabilidade financeira a sua família eram remotas, pois a área de terra era pequena para a atividade agrícola desempenhada pela família, onde a área não favorecia muito a criação de gado leiteiro e a atividade de grãos agregava pouco valor financeiro.

O entrevistado “E” tem 32 anos, é casado e tem sua morada na propriedade, sendo próxima a casa dos pais e de seu irmão. O entrevistado tem área de terra própria de 35 hectares, mas somente trabalha com sua esposa, separado dos pais na atividade leiteira, sendo que as atividades da lavoura, como plantio, colheita e demais atividades são realizadas em conjunto com seu pai e seu irmão em uma área total de 105 hectares de terra entre própria da família e arrendada. As atividades desempenhadas na propriedade são o cultivo de soja, milho, trigo e a atividade leiteira. O entrevistado concluiu o ensino médio. Ele indica que

[...] “os motivos de eu permanecer na atividade agrícola já vem passado de geração a geração, sendo que meu avô já trabalhava como agricultor, meu pai e eu nascemos e me criei aqui [...] tenho incentivo da família, pois a propriedade é grande e diversificamos as atividades entre cultivo de grãos

(soja, trigo e milho) e atividade de gado de leite [...] na produção de grãos trabalho junto ao meu pai e meu irmão mais velho em toda a propriedade” (Entrevistado “E”, Agricultor, 2013).

A realidade do entrevistado “E” apresenta-se como agricultor de médio porte pela quantidade de terras que o mesmo possui e trabalhando juntamente com seu pai e irmão, onde as atividades na lavoura são realizadas em conjunto, e nem pensa em mudar de profissão.

Para especificar melhor os dados obtidos com as entrevistas, este capítulo trará os itens geração de renda através da pluriatividade, lazer, água.

3.1 - GERAÇÃO DE RENDA ATRAVÉS DA PLURIATIVIDADE

Alguns produtores rurais da localidade buscavam agregar renda através da pluriatividade e da prestação de serviços a terceiros, conforme destaca um dos entrevistados:

Somente as atividades na propriedade não proporcionavam renda a contento, mas com o trabalho a terceiros, acaba sobrando o dinheiro gerado na propriedade, proporcionando melhor padrão de vida. A busca por outros serviços era necessária, por isso a mudança para cá, onde estou próximo do trabalho realizado a terceiros gerando maior renda para mim. (Entrevistado “B”, Agricultor, 2013).

Como a localidade está vinculada em sua maior parte as atividades agrícolas, existe uma oferta maior de trabalho principalmente nos períodos de plantio e colheita dos grãos, onde muitos pequenos agricultores ou filhos de pequenos agricultores aproveitam estas oportunidades para agregar mais renda a família, prestando serviços a terceiros.

A geração de trabalho pluriativo na localidade poderia estar vinculado a uma permanência maior dos agricultores no meio rural, mas devida a concentração dos grandes produtores rurais (os quais necessitam contratar mão de obra) na vila ou nas proximidades da mesma, este fator pode estar vinculada a busca de moradia de certos pequenos agricultores na vila para poder prestar serviços aos mesmos, pela proximidade da oferta de trabalho.

Desta forma o trabalho pluriativo poderia estar vinculado a uma agregação de renda para mais famílias rurais, onde poderiam exercer atividades a terceiros em determinadas épocas do ano, mas a dificuldade de acesso pode estar restringindo a

conciliação do trabalho com a permanência na localidade.

Outro agricultor afirma ainda não haver a necessidade de trabalho fora da propriedade como necessário para a geração de renda, mas sim como troca de serviços, onde a mão de obra era realizada aos vizinhos em troca de serviços de máquinas, principalmente nas épocas de plantio:

O trabalho fora da propriedade para geração de renda não era necessária, mas sim como troca de serviços prestados por outros com maquinários já que não possuímos os mesmos. Essa troca se dava através de ajudas principalmente nas épocas de fazer silagem e plantio, onde requer o uso de mais pessoas na atividade. Assim a ajuda serve como pagamento por parte dos serviços realizados na lavoura como plantio, pulverização e corte de milho para silagem principalmente. Essa troca de serviços era feita somente com vizinhos próximos, onde os mesmos realizavam serviços de tratores em troca. (Entrevistado “A”, Agricultor, 2013).

Segundo o entrevistado a troca de serviços entre vizinhos é muito comum nas atividades rurais, pois em determinadas épocas a demanda por mão de obra é muito grande, principalmente em épocas de plantio, colheita e corte de milho para silagem, ocorrendo sempre que possível à ajuda mútua entre os mesmos, às vezes como troca de favores, por vezes como pagamento de outros serviços realizados ou mesmo como geração de renda para alguns agricultores.

Esta prestação de serviços entre vizinhos, uns com a mão de obra e outros com o uso de máquinas agrícolas, faz com que de certa forma ocorra o pagamento dos serviços realizados por ambos através da troca de trabalho, sem o uso do dinheiro como pagamento, sendo uma agregação de renda por ambos os lados, tanto para o que faz uso das máquinas, como também o que oferta sua mão de obra.

O trabalho a terceiros está agregado ao trabalho pluriativo, onde oportuniza uma renda extra para a família. Segundo Schneider (2009):

Assim como a entendemos, a pluriatividade que ocorre no meio rural refere-se a um fenômeno que pressupõem a combinação de pelo menos duas atividades, sendo uma delas a agricultura. Estas atividades são exercidas por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco e consangüinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consangüíneos (adoção), que compartilham entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família (SCHNEIDER, 2009, p.03).

Conforme o autor, a pluriatividade está ligada a prática de pelo menos duas

atividades, sendo uma a agrícola, praticada por membros de uma mesma família, onde buscam a agregação de renda para a mesma.

Apesar de o trabalho necessitar de troca de serviços, ou como favores ou como geração de renda, isso é atribuído como muito gratificante no meio rural, pelos próprios agricultores, apenas penoso em alguns casos à atividade leiteira, pela mesma exigir o trabalho todos os dias sem folga de dias chuvosos, frios e finais de semana, havendo uma continuidade permanente durante o ano todo e às vezes classificado como trabalho pesado, mas mesmo assim o entrevistado demonstrava o gosto pelos trabalhos realizados na propriedade.

As propriedades rurais da localidade estão todas baseadas na agricultura familiar, onde os trabalhos do cotidiano são realizados por todos os membros da família, havendo tarefas que são praticadas isoladas por cada membro, como cultivo das hortas, podas das frutíferas no pomar, cultivos de produtos de autoconsumo (geralmente pequenos espaços) e aquelas atividades que necessitam ser realizadas em conjunto como a atividade leiteira, o trato dos animais, o plantio e colheita dos grãos cultivados para comercialização, principalmente os agricultores que possuem colheitadeiras e caminhões.

O trabalho dos pequenos agricultores da localidade que se baseia principalmente na atividade leiteira e em parte a produção de grãos, consiste em um trabalho mais manual por alguns agricultores, os quais realizam as tarefas de alimentação do gado leiteiro com a busca quase diária de alimentos para os mesmos, sem depender parcial ou totalmente de tratos prontos como silagem de milho (considerado alimento de grande importância, mas de alto custo).

Os pequenos agricultores acabam alimentando seus animais com diversificação do trato dos animais com capim elefante, cana de açúcar, sorgo e parte de milho, onde são aproveitadas partes por vezes de difícil acesso na propriedade, restando às áreas de fácil acesso a produção de grãos.

Já os agricultores que possuem melhores condições financeiras e possuem mais áreas de terra, realizam as atividades mais concentradas na mecanização, tanto na tarefa com o gado leiteiro, no corte mecanizado do pasto, como na produção de grãos possuindo colheitadeiras e caminhões para a realização da colheita. Para esta atividade e a de plantio é que geralmente ocorre a troca de serviços ou mesmo a contratação de vizinhos ou conhecidos que possam ajudar na realização da tarefa, por não haver mão de obra suficiente para realizar o trabalho que necessita ser realizado em um curto

espaço de tempo.

O transporte dos grãos e o recolhimento do leite é o fator que por vezes tem maior dificuldade, pelas condições de trafegabilidade existentes no travessão da Linha Seca. O recolhimento do leite por apresentar a passagem do caminhão geralmente a cada dois dias sem poder escolher somente dias sem chuva, exige que o mesmo use um acesso secundário, por conta do travessão da Linha Seca não ser totalmente encascalhado. Já o transporte de grãos apresenta dificuldade menor pela colheita ser realizada apenas em dias de tempo seco havendo uma dificuldade menor, mas mesmo assim havendo dificuldade, como ressalta um dos entrevistados sobre as condições do travessão afirmando que:

“Em determinadas épocas era péssima, sendo que por várias vezes tivemos de nós mesmos efetuarmos algumas reformas para passagem do caminhão que recolhe o leite, mesmo assim ocorrendo de muitas vezes em dias de chuva o caminhão que recolhe o leite ficar atolado, tendo que os agricultores que possuíam tratores arrastá-lo até o asfalto, até ocorrendo de muitas vezes o mesmo não fazer todo o percurso, devido à situação da estrada. [...] Hoje a estrada continua ruim, pois existem menos moradores [...] onde muitos proprietários de terra na localidade fazem algumas reformas em partes da estrada nas épocas de colheita para passarem com as máquinas e caminhões” (Entrevistado “A”, Agricultor, 2013).

As principais dificuldades encontradas no travessão se devem pelo mesmo ser uma estrada em sua maior parte de chão vermelho, o que apresenta em dias muito úmidos uma liga onde carros e caminhões deslizam ou não conseguem passar por vezes. Nos dias secos não apresenta estas características, apenas certa dificuldade pela manutenção que é realizada por vezes em intervalos de tempo muito prolongado. Conforme o entrevistado “C” (2013) “as condições não eram muito boas, mas estão piorando, sendo que existem cada vez menos moradores e com isso o poder público acaba deixando de lado a manutenção” das estradas.

Existe um acesso secundário que liga o travessão ao asfalto, onde é utilizado por alguns moradores em dias chuvosos e também pelo transporte escolar diariamente. Os moradores da proximidade deste acesso não estão expostos tanto a dificuldade de acesso como ressalta o entrevistado:

As estradas são de qualidade razoável já que não dependemos diretamente da Linha Seca, mas temos acesso secundário à propriedade, onde a mesma liga diretamente ao asfalto, não sendo nem muito boa e nem muito ruim, pois se dependêssemos da Linha Seca estávamos em situação muito ruim (Entrevistado “E”, Agricultor, 2013).

A estrada secundária ao qual o entrevistado se refere é uma estrada toda encascalhada e que era de acesso único à propriedade do pai dele, onde fora interligada a outra com acesso a Linha Seca abrindo possibilidades de cruzamento pela mesma.

Com a modernização da agricultura, todo o processo de trabalho, moradia e realização de serviços sofreram grandes variações quanto ao processo agrícola de décadas anteriores. Nos dias atuais as vias que não apresentam boas condições de trafegabilidade, acabam por se tornar empecilho para os moradores que a necessitam diariamente, tanto para realizarem suas necessidades diárias, como busca por saúde, educação e lazer, como também para o próprio desenvolvimento local.

O travessão da Linha Seca é uma estrada não muito extensa, com aproximadamente sete quilômetros de extensão, ligada em lado ao asfalto de acesso a Vila Manchinha e por outro lado a ERS342, também asfaltada, que liga ao município de Três de Maio.

Os moradores da localidade utilizam a estrada também em busca do lazer, principalmente para acesso a Vila Manchinha, onde principalmente nos finais de semana existem mais opções, como jogos de carta, de futebol, de bocha, festas e encontros com os amigos.

3.2 - O LAZER

A opção de lazer na localidade está baseada em encontros com os vizinhos, com rodas de chimarrão e em alguns casos jogos de baralho e para outras atividades. Os moradores se deslocam até a vila para jogos de futebol, vôlei, bocha entre outros. A procura por atividades de lazer não foi colocada pelos ex-moradores como motivo de mudança de moradia, pois segundo o entrevistado “B”, “o lazer não era problema na localidade, sendo que havia jogos de carta com os vizinhos e amigos, uma vez por semana à noite se não chovia jogava futebol na vila e nos finais de semana encontrava-se com amigos na vila”.

Na Vila Manchinha existem dois ginásios das comunidades religiosas locais, “Evangélica Luterana” e a “Católica”, havendo no primeiro, quadra de esportes, onde ocorrem jogos de vôlei e de futebol durante todas as noites, com times diferentes a cada noite. Na Católica existe uma cancha de bocha 48, onde consiste em um jogo de bocha concentrado apenas no tiro a bochas pontuadas, sendo que o jogo termina quando a

pontuação total fechar exatamente 48 pontos, ocorrendo nos finais de semana.

Desta forma, os jogos, principalmente de futebol, passaram a ser concentrados na vila, tanto pela concentração de jogadores, como também pela oportunidade de uma quadra de esportes coberta.

Já durante a entrevista com entrevistado “C” (2013) o mesmo comentou que:

“Anos atrás nos finais de semana os meninos reuniam-se nos poteiros dos próprios agricultores na localidade para jogar futebol, sendo que hoje nos dias atuais só existe estes jogos na vila, principalmente pelo baixo número de moradores, onde existem poucos meninos para o jogo, assim tornando-se mais fácil ir ao encontro de outros na vila, onde também existe uma variedade maior de jogos” (Entrevistado “C”, Administrador, 2013).

Na localidade já existiam dois campos de futebol. Primeiramente um campo feito por um time muito antigo chamado “farroupilha” e vários anos depois com o enfraquecimento deste time pela diminuição de moradores, foi criado outro time mais adiante com o nome de “beira rio” fazendo novo campo de futebol em outro poteiro.

Hoje se apresenta um hábito de jogos dos mais variados tipos, como futebol, vôlei, de sinuca, de bocha 48 entre outros na vila, sendo que virou hábito de encontro de muitos moradores da localidade que buscam tais diversões. Se por um lado o entrevistado “C” fala que as atividades de lazer estão a contento, por outro lado o entrevistado “D” explanou que:

Quanto ao lazer sempre foi carente, havendo pouca ou nenhuma opção de lazer na localidade, somente o passeio na casa dos vizinhos ou assistir televisão e acredito ainda continuar com poucas opções, mas deve ser um acaso do baixo número de pessoas que residem no local (Entrevistado “D”, Administrador, 2013).

O mesmo afirmou isto, pois moravam em outra localidade, antes de virem residir no travessão da Linha Seca, sendo que quando fixaram residência nesta, era os finais dos tempos dos campos de futebol na localidade e o início dos jogos na vila. A busca por lazer dos moradores da localidade não era apresentada como empecilho na localidade, pois muitos moradores tem o hábito de visitar os vizinhos para se reunir em jogos de cartas ou até mesmo se deslocar até a vila para jogos de bocha e futebol. Desta forma somente em dias chuvosos os mesmos acabavam por vezes ficando mais em casa e então se descontraíndo ao assistir programas na televisão.

3.3 - A ÁGUA POTÁVEL

O abastecimento de água na localidade era e ainda continua sendo deficitário a certas famílias, tanto quanto a qualidade da mesma por ser água de nascentes superficiais, as quais podem estar contaminadas. A água que é consumida na localidade é de vertentes superficiais, onde os próprios moradores é que fazem a limpeza de seus poços de água, mas sem haver um controle de qualidade e tratamento da mesma. Em alguns casos isolados já foram feitos testes de água, mas sem serem levados em conta os resultados obtidos, por não haver outro meio de abastecimento que possa substituir a mesma.

O consumo de água do rio Manchinha não é feito pelos moradores para consumo humano, mas sim para consumo animal e em casos de estiagem prolongada alguns moradores usavam a água para lavar roupas e tomar banho, mas somente em curtos períodos. A água do rio não apresenta condições para o consumo, pois ocorre a livre entrada dos animais, principalmente as vacas leiteiras que tem livre acesso ao rio, consumindo a água e fazendo muitas vezes as suas necessidades ali.

O rio Manchinha é abastecido por pequenos córregos que tem suas vertentes nas partes baixas das propriedades, muitas vezes cortando-as na vertical, indo de encontro ao rio. Estes pequenos córregos, na maioria dos casos, estão desprotegidos da mata ciliar ou vegetação que protegesse as nascentes da poluição oriunda da prática da agricultura moderna, com seu uso de químicos, fertilizantes, inseticidas, herbicidas, fungicidas e toda espécie de produtos utilizados que contaminam as águas.

O abastecimento de água nas casas era controlado por cada morador, sendo responsável pela limpeza de seus poços, encanamento, qualidade e quantidade de água consumida, pelo fato de muitos poços enfraquecerem ou até esgotarem seus estoques hídricos em épocas de estiagem. Segundo o entrevistado “C”, “nunca teve água muito boa, somente água de vertente e em casos de estiagem tínhamos de buscar água em outros lugares, por vezes do rio”.

A água para consumo da família e para cozinhar em períodos de estiagem era adquirida de vizinhos que possuíam poços com mais resistência na estiagem, mas para tomar banho, lavar roupas e outros afazeres era utilizado à água de rio.

Nas proximidades da localidade foi perfurado um poço artesiano, que tinha como propósito principal abastecer a localidade, com águas de qualidade e quantidades

suficientes. O mesmo nunca avançou nas atividades além da perfuração e seus testes de qualidade e vazão. Os argumentos evidenciados pelo setor público foram a falta de verba para conclusão das atividades.

Segundo o morador que ainda reside na localidade e com melhores condições financeiras, onde esperou receber água do poço perfurado pelo setor público e não ser atendido perfurou um poço artesiano particular juntamente com seu pai e seu irmão,

Até dois anos atrás era ruim, possuíamos água de vertentes superficiais, com qualidade duvidosa e em casos de estiagem necessitava de água de rio para suprir as necessidades e para o consumo pegava água no pai (primeiro vizinho). Há cerca de dois anos perfuramos um poço artesiano particular em conjunto eu, meu pai e meu irmão e assim terminou o problema de falta de água e de água sem qualidade, onde foram feitos testes detectando boa qualidade da mesma. Se dependesse da água que tínhamos antes, talvez tivesse saído em busca de outra morada (Entrevistado “E”, Agricultor, 2013).

Neste caso o entrevistado afirma que a melhor condição financeira possibilitou a perfuração de um poço artesiano, o qual apresentou águas de boa qualidade e quantidade suficiente para suprir as necessidades das três famílias, resolvendo neste caso o problema que, segundo ele, talvez o fizesse até mudar para outro local.

Segundo os entrevistados, o abastecimento de água potável não existia na localidade, cada morador tinha em sua propriedade um poço próprio, mas de vertentes superficiais e com qualidade melhores para alguns e nem tanto para outros, mas todos com dúvidas do que estavam ingerindo. Afirmaram, também, que um dos vizinhos mudou para a cidade após ter escavado em vários lugares em sua propriedade poços, mas sem êxito na procura por água e após não ter encontrado mais, nem melhor qualidade e quantidade do que possuía decidiu ir para a cidade.

Hoje na localidade ainda não existe um sistema de abastecimento de água diferente do que foi citado anteriormente.

Já os moradores que decidiram migrar para a vila dispõem de água potável e encanada, com qualidade comprovada por testes e abastecimento fiscalizado por órgão público.

3.4 - GERAÇÃO DE RENDA

A Vila Manchinha por haver uma maior concentração de moradores (principalmente agricultores), apresenta um índice maior de oferta de trabalho em

períodos de plantio e colheita, sendo este fator muitas vezes atrativo para pequenos produtores rurais que procuram nestas épocas agregar mais renda a família.

Quanto ao trabalho praticado fora da propriedade a terceiros, um dos entrevistados diz:

A renda não era suficiente, pois hoje acaba sobrando o dinheiro da propriedade, proporcionando melhor padrão de vida. A busca por outros serviços era necessária, por isso a mudança para cá, onde estou próximo do trabalho realizado a terceiros gerando maior renda para mim (Entrevistado “B”, Agricultor, 2013).

A renda adquirida pelo trabalho a terceiros permite ao agricultor maior poder aquisitivo, sendo que a renda adquirida na propriedade pode ser usada para outros fins.

Para alguns agricultores o trabalho prestado a terceiros faz gerar mais renda para a família, a ponto de que alguns agricultores expressam que o trabalho realizado fora da propriedade garante a renda suficiente para o sustento, sem a necessidade da renda da propriedade, ficando esta para investimento na propriedade ou em outros investimentos.

Também existe o caso onde a propriedade não apresentava uma geração de renda a contento, ou suficiente para atribuir as necessidades de consumo da família. O ex-agricultor que foi em busca de um padrão de vida melhor na cidade diz:

A busca por outras atividades era necessária, para adquirir renda, pois a propriedade atendia somente as condições básicas para o sustento da família. A qualidade de vida proporcionada no interior deixava muito a desejar, tanto em condições financeiras, como nos mais diversos fatores, como forma de trabalho, acesso da propriedade as estradas vicinais, lazer e educação. Acredito estar na obtenção de renda dos pequenos agricultores a maior dificuldade para a permanência dos mesmos no rural (Entrevistado “D”, Administrador, 2013).

O trabalhador que possui um emprego consegue ter a renda fixa, sendo que no rural ela pode ser muito variada, ocorrendo anos de climas e preços de produtos favoráveis, atingindo uma renda superior e em casos adversos, podendo muitas vezes até ficar no prejuízo.

Existe também a renda que muitas vezes é desconsiderada pelo próprio agricultor, que seria a produção de boa parte de seus próprios alimentos, onde todos os moradores cultivam uma horta próxima de casa, tendo as mais variadas hortaliças, legumes que compõem a mesa dos agricultores. Também existe o cultivo de alimentos

para autoconsumo, como feijão, batata, batata doce, mandioca e entre outros e uma variada qualidade de frutíferas adquirida no pomar, como bergamotas, laranjas, maçãs, peras e muitas frutas que são produzidas no pomar próximo de casa. Essa variedade de produtos consumidos pelos agricultores caracteriza uma diminuição em gastos para aquisição do rancho dos agricultores.

Diante de todos estes fatores, descobrir o motivo pelo qual leva os moradores da Linha Seca a migração e/ou êxodo rural torna-se enfático, quando tentamos desvendar os seus reais motivos, sem uma devida análise, através de percepções de estrutura de propriedades, acessos às mesmas, condições de atendimento a saúde, acesso a educação, a água potável e encanada, dentre outros quesitos variados que podem instigar como padrão de vida desejável a cada morador.

Os quesitos levantados servem como resultado quanto à avaliação para descobrir o motivo pelo qual leva os moradores da Linha Seca a migração e/ou êxodo rural, onde cada agricultor expôs suas considerações sobre os aspectos levantados nas entrevistas.

Conforme já relatado anteriormente por Brum (2005), “inúmeros movimentos migratórios ocorreram em diferentes regiões do país, ao longo de sua história. Em geral as pessoas se deslocam em busca de melhores condições de vida”. A condição de vida relatada como anseio almejado apresenta características diferentes por cada morador, variando conforme sua situação social, busca por trabalho, relação familiar e idade dos integrantes da família entre outros aspectos.

Diante dos fatores apontados como responsáveis pelo êxodo e a migração rural dos moradores da localidade foi elaborada uma tabela pelo acadêmico, conforme demonstra abaixo, apenas relatando os indicativos dos entrevistados “A, B, C e E” apenas, pois o entrevistado “D” não aparece na tabela pelo fato do mesmo continuar residindo na localidade.

Tabela 5: Principais motivos que indicam o êxodo e a migração na localidade da Linha Seca.

ENTREVISTADO	MUDANÇA DOS PAÍS	ACESSO À CIDADE	TRABALHO	ÁGUA ENCANADA	RENDA
A	X	X	X	X	
B	X	X			X
C	X	X	X		
E		X	X		X

Fonte: Elaborado pelo acadêmico.

Os aspectos levantados como responsáveis pelo êxodo e a migração rural pelos entrevistados apresentados na tabela são a mudança dos pais, sendo que todos os que mudaram apresentam idade superior aos 65 anos de idade, apresentando uma maior dificuldade para efetuarem trabalhos que exigissem um esforço físico maior diariamente, como estavam acostumados enquanto moradores na localidade, principalmente quanto à ligação a atividade leiteira.

O segundo fator contemplado na tabela foi a questão de acesso a cidade, onde se dá através do travessão da Linha Seca, onde se caracteriza por acesso de grande dificuldade em dias chuvosos principalmente, acarretando na limitação de acesso a saúde, lazer e recursos necessários as rotinas dos agricultores, como também impossibilitando por vezes a chegada do caminhão que recolhia o leite dos moradores, enquanto estas ainda residiam na localidade.

O trabalho é contemplado como de limitador apenas na parte de estar muito relacionado na atividade leiteira e a mesma sofrer por vezes em recolhimento do seu produto em dias chuvosos, onde os moradores levavam o mesmo até pontos estratégicos em que o caminhão que fazia o recolhimento tinha acesso. Ainda quanto ao trabalho, um fator levantado era a busca de trabalho na vila, questionado por um entrevistado o qual se deslocava nas épocas de colheita e plantio, várias vezes por semana até o local de trabalho.

O quarto fator é a questão da água encanada, a qual foi constatada pelos entrevistados como de certa forma com qualidade e quantidade a desejar, mas não tendo um peso maior como responsável pela migração dos moradores.

O último quesito é a renda, que através de trabalho buscado fora da propriedade atribuía geração de renda, onde se concentrava a busca da mesma na vila, onde se concentrava uma maior parte de agricultores com grandes propriedades rurais, os quais necessitavam de uma maior mão de obra nos períodos de plantio e colheita.

Das mais variadas situações ou motivos, mas cada entrevistado apresentou sua real situação a qual levou a migração para a vila e o êxodo que levou a outra família para a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, apresentam-se alguns dos motivos possíveis para entendermos a migração rural realizada pelos moradores da Linha Seca para um meio mais urbanizado, mas sem se afastar da localidade e nem deixar de ter vínculos com as atividades produtivas.

Um aspecto levantado pelos entrevistados foi à migração à vila Manchinha pela busca por melhores condições de vida, tanto quanto acesso à saúde, estradas, lazer e outras questões, sem se afastar muito da propriedade. Um dos entrevistados apenas apresentou a busca por melhores condições de vida na cidade, onde o objetivo almejado não encontrava a partir do trabalho agrícola ou alguma ligação com o rural.

A maioria dos entrevistados encontrou as necessidades almeçadas na própria vila, encontrando melhores condições de vida com a continuação do trabalho agrícola, pela proximidade da propriedade. Já o entrevistado que buscou melhores condições de vida na cidade, desfez todo seu vínculo com a agricultura, dedicando-se ao trabalho e as condições de vida na cidade.

Um dos fatores da vila ser alvo das migrações pode estar ligado ao perfil dos moradores da mesma, sendo composta principalmente por agricultores e pessoas que tenham um vínculo direto com a agricultura. A vila está ligada a um aglomerado rural, onde muitos agricultores residem na mesma pelo fato de apresentar, questões de estradas asfaltadas e encascalhadas, proximidade ao atendimento a saúde, apresentar redes de água encanada, além de um comércio básico e a proximidade com as propriedades dos agricultores que continuam exercendo a atividade agrícola, o que pode estar vinculado à preferência da moradia de muitos agricultores após saírem do rural.

Um dos fatores que indicam a migração é a questão dos pais que, devido à idade mais avançada, ansiavam por uma busca por melhores condições de vida, para melhor acesso a saúde, lazer e sem uma carga de trabalho diário como era apresentada na propriedade. A localidade estava composta por várias famílias de agricultores já com idade mais avançada, sem filhos que pudessem estar junto a eles para realizarem as tarefas ou mesmo com filhos já trabalhando fora de casa para terceiros - como agregação de renda. Outros filhos de agricultores trabalhavam na propriedade e fora, mas pelo fato de serem solteiros e residirem junto à morada dos pais eram considerados responsáveis pela casa e pelo trabalho, mas mudaram para aliviar a carga diária de trabalho dos pais.

Os resultados desta migração dos agricultores para a vila resultam em atividades desempenhadas nas propriedades, somente as quais podem ser realizadas sem um acompanhamento constante, podendo ser acompanhadas morando fora da propriedade.

O sistema de produção passa a ter outras atividades, resultando principalmente na produção de grãos tais como soja, milho e trigo, as principais atividades do município. Outro fator, a questão do acesso que ligava a propriedade as demais necessidades da população, o travessão da Linha Seca, foi apontado por todos os entrevistados como um limitador a busca das mais variadas necessidades das pessoas, como trabalho, saúde, lazer e demais.

Pelo fato da estrada apresentar problemas de acesso, é constatado que os órgãos que competem à manutenção das estradas deveriam dar maior ênfase à melhoria delas, principalmente as que apresentam tal dificuldade de acesso. Os órgãos competentes deveriam fazer uma avaliação da maneira em que é feita a seleção de estradas para a manutenção, a qual implica em acesso dos moradores na busca por atendimento médico e todas as necessidades, como trabalho e lazer.

Apesar dos agricultores que migraram para a vila terem deixado da atividade leiteira, os mesmos expõem a importância desta atividade para a geração de renda para os agricultores. Outro fator ligado ao trabalho é a questão da pluriatividade, onde um entrevistado trabalhava a terceiros na vila em época de plantio e colheita, ficando sua mãe sozinha em casa muitas vezes até tarde da noite e o mesmo necessitando fazer o percurso do travessão da Linha Seca várias vezes por semana.

Já a questão da água, foi apresentada pelos entrevistados como falta de qualidade, mas principalmente a falta da mesma para alguns moradores nos períodos de estiagem. A importância da água na vida das pessoas, conseqüentemente, na qualidade de vida, está ligada a questão de saúde da população, deveria ter mais importância pelos órgãos competentes na questão de acesso a água de qualidade para a população.

Como a localidade não é composta por muitos moradores, pode estar ligada a uma menor preocupação por organizações representativas dos interesses dos agricultores, quanto à busca pelos anseios da população, sendo que os mesmos estão expostos a buscar suas próprias reivindicações.

A questão da qualidade da água é outro fator que não é dada a devida atenção pelos próprios moradores, pois pela própria fala dos mesmos, até a alguns anos atrás ainda tinham o hábito de consumir água dos córregos e do próprio rio Manchinha,

quando tinham sede e se encontravam, próximos aos mesmos, podendo perceber uma menor contaminação, ou sendo a contaminação das águas menos visíveis. Diante destes hábitos talvez a questão da qualidade da água nem sempre apresentasse a importância necessária que merecia.

A renda também é apresentada por dois entrevistados como um dos motivos de saída, pois havia a necessidade de busca de renda fora da propriedade por não agregar valor suficiente. Como a localidade é composta por pequenos produtores rurais, muitos destes buscam um trabalho fora da propriedade para agregar mais renda a família, sendo este trabalho buscado principalmente na vila, onde existe uma oferta maior. O trabalho fora da propriedade foi somente com intuito de agregar mais renda, mas em momento algum como de substituir o trabalho agrícola já praticado, sendo que os moradores que migraram para a vila e praticam outras atividades a terceiros, em momento algum abandonaram a atividade em sua propriedade.

Diante dos motivos apontados nas entrevistas percebemos que o fenômeno que a localidade está mais vinculada, é a migração rural (três entrevistados), já que estes agricultores exercem e preferem continuar na atividade agrícola. Vemos que, em menor intensidade, o êxodo rural (um entrevistado) também ocorre, visto que este agricultor saiu do meio rural por conta da saída de toda a sua família, em busca de melhores condições de vida e uma busca por melhores empregos na cidade.

Temos como fator de consequência da saída das famílias de agricultores da propriedade, a ênfase na produção baseada na monocultura, pois tanto nos casos entrevistados como nos casos de outros moradores e ex-moradores da localidade, o espaço ocupado para cultivo de alimentos para autoconsumo e as áreas de criação de gado leiteiro, passaram exclusivamente para áreas de produção de grãos, como soja, milho e trigo, onde alguns agricultores que saíram da propriedade cultivam a lavoura e outros arrendam ou vendem suas propriedades para terceiros para este tipo de cultivo.

Por estes fatores evidenciados, é constatado que os órgãos que competem à manutenção das estradas e ao acesso às redes de água deveriam dar maior ênfase à melhoria destas áreas, principalmente nas que apresentam dificuldade de acesso e priorizar a instalação de redes para todas as localidades devido à qualidade da água ingerida, mas principalmente como garantia de abastecimento da mesma. Este tipo de ação estrutural por parte destes órgãos é um dos caminhos possíveis para favorecer a permanência das pessoas no meio rural.

A formação das famílias também apresenta características para o êxodo e a

migração rural, devido ao envelhecimento e a masculinização rural, onde afeta diretamente com a diminuição da mão de obra rural, sendo que as atividades praticadas priorizam as atividades que possibilitem o maior uso de máquinas, estando estas ligadas principalmente as atividades de monoculturas, como a produção de grãos.

Diante destes fatores vemos que a localidade do travessão da Linha Seca, sofre uma diminuição na população e o aumento das áreas destinadas ao monocultorismo, afetando a diversificação das atividades, sendo isto não um problema aos órgãos públicos, mas também a toda sociedade, associações e órgãos que defendem a classe agricultora, pois esta diminuição da população agrícola afeta na perda da cultura, na formação de novas famílias e implica diretamente na concentração da população no urbano, por vezes transferindo os problemas para o mesmo.

Como afirmamos anteriormente, alguns processos migratórios, como aquele analisado neste estudo, não demonstram uma intenção dos atores em abandonar as práticas rurais que desenvolvem há muito tempo. O fato é que são processos diferentes em relação ao intenso êxodo migratório dos anos 1960-80, pois não significam uma mudança de vida. Observamos na região analisada uma migração do rural para o próprio rural, não caracterizando um êxodo do meio rural para o meio urbano. Os casos analisados expressam um “êxodo” do meio rural mais profundo para um meio rural mais urbanizado, movimento recente que está contextualizado mais intensamente nos distritos e nos povoados rurais.

O fato dos agricultores migrarem para a vila, implicam em políticas públicas voltadas as exigências de mais investimentos em infraestrutura, ruas pavimentadas, abastecimento de água e demais investimentos para as condições que atinjam as necessidades básicas dos moradores em meios rurais mais urbanizados.

Assim como nas vilas, também no meio rural as mudanças no cenário agrícola passa a ter outra paisagem, onde observa-se uma maior extensão de áreas com a prática agrícola voltada a produção de grãos e abandono da produção leiteira, e as mais variadas atividades de plantio de alimentos de autoconsumo acabam desaparecendo.

De toda forma, observa-se que estes migrantes não deixam de serem agricultores, mantêm as atividades nas propriedades familiares e sua identidade com o meio rural. Esses agricultores não perdem seus vínculos culturais e históricos com a vida rural, mas têm novas exigências e necessidades, buscam de fato é uma melhor qualidade de vida, infraestrutura e lazer, sem se afastar do meio rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. **O Futuro das Regiões Rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Anpocs: Unicamp: Hucitec, 1998.
- ATLAS ESCOLAR GEOGRAFICO. **Mapa político da região Sul do Brasil**. Ciranda Cultural. São Paulo, SP. 2011.
- BRUM, Argemiro Jacob; TRENNEPOHL, Vera Lúcia. **Agricultura Brasileira: Formação, Desenvolvimento e Perspectivas**. 3ª Edição Revisada e Ampliada. Ijuí. Editora Unijuí, 2005.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e Masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/1999/td_0621.pdf> Acesso em 22 de Nov. de 2012.
- CONTERATO, Marcel Antonio; FILLIPI, Eduardo Ernesto. **Teorias do Desenvolvimento**. 1ª Edição, Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.
- DELGADO, N. G. Política econômica, ajuste externo e agricultura. IN: LEITE, S. (Org.) **Políticas Públicas e Agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001.
- FERRARI, Dilvan Luiz; ABRAMOVAY, Ricardo; SILVESTRO, Milton Luiz ; MELLO, Márcio Antonio de; TESTA Vilson Marcos. **Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir?** Disponível em: <http://r1.ufrj.br/esa/art/200410-237-271.pdf>. Acesso em 15 de fev 2013.
- FIALHO, M. A. V. **Interfaces entre Desenvolvimento Rural, Políticas Públicas e Atores Sociais para o Desenvolvimento Territorial**. Disponível em: <<https://moodleinstitucional.ufrgs.br/login/index.php>>. Acesso em Nov. de 2012.
- FILHO, Éder Mariano Paiva; RIBEIRO, Dinalva Donizete. **Projeto “jovens rurais”: liderança, coletividade, desenvolvimento sócio-político e organização social**. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/EDER_MAR.PDF. Acesso em 15 de fev 2013.
- FONTOURA, Luis F. M.; VERDUM, Roberto. **Questão agrária e legislação ambiental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

FROEHLICH, J. M.; DIESEL, V. (Org). **Desenvolvimento Rural: tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

FROEHLICH, J.M; RAUBER, C.C; CARPES R.H; TOEBE. M. **Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS**. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782011000900030&lang=pt>. Acesso em 23 de Nov. de 2012.

FRÖHLICH, Egon Roque; DORNELES, Simone Bochi. **Elaboração de Monografia na Área do Desenvolvimento Rural**. 1ª Edição. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1ª Edição. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2010.

HAYAMI & HUTTAN - **Desenvolvimento Agrícola. Teoria e Experiências Internacionais**. Ed.EMBRAPA, Brasília, 1988. 583p.

JUNIOR, V. J. W.; ROTH, J. D.; MATTOS, V. M.M.; FERREIRA, A. M. R. M.; TRENTIN, I. C. L.; **Os novos arranjos do exôdo rural: a evasão temporária de jovens agricultores familiares gaúchos**. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/175.pdf>. Acesso em 15 de fev 2013.

MACIEL, Lidiane M. **Migração e identidade entre trabalhadores “Rurais Urbanos” no interior de São Paulo**. 2011. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5ª Edição. Revista e Ampliada. Editora Atlas S.A., 2009.

MERA, Claudia Prudêncio de; DIDONET, Graciela Beck. **Aplicação dos recursos do PRONAF pelos agricultores familiares do município de Cruz Alta (RS)**. Disponível em: <http://www.perspectivaeconomica.unisinos.br/pdfs/101.pdf>. Acesso em 26 out. 2012.

RAUBER, C. C.; FROEHLICH, J. M.; CARPES, R. H. **Masculinização da população rural do Rio Grande do Sul – uma discussão de alternativas a partir dos sistemas agrários**. Disponível em: <http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/07/GT9-Cassiane-da-Costa-Rauber.pdf>. Acesso em 15 de fev 2013.

SILVEIRA, Paulo Roberto C. da; NEUMANN, Pedro Selvino; VELLA, Hugo Aníbal G.; LAGO, Adriano; OLIVEIRA, Antônio Elisandro de; PELEGRINI, Gelson. **A diversidade do associativismo na região do corede-centro/rs e sua importância para o desenvolvimento regional**. Disponível em:

http://www.valedotaquari.org.br/bragroassociativismoa_diversidade_do_associativismo.pdf.

Acesso em 26 out. 2012.

SALAMA, P.; DESTREMAU, B. **O Tamanho da Pobreza: economia política da distribuição de renda**. Rio de Janeiro: Garamond. 2001.

SCHNEIDER, S.. **A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação**. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/396.pdf>. Acesso em 02 jul 2013.

SCHNEIDER, Í.; **Êxodo envelhecimento populacional e estratégias de sucessão na exploração agrícola**. Disponível em:

<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/629874>,. Acesso em 26 out 2012.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, L. X.; **Estado e Políticas Públicas**. 1ª Edição. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2010.

APÊNDICE

As perguntas para os três entrevistados que continuam trabalhando na propriedade no travessão da Linha Seca, mas residem em Vila Manchinha são:

O que fez você mudar para a Vila?

Você continua trabalhando no meio rural? Como?

Como eram as condições de acesso às estradas para a propriedade?

Como era o abastecimento de água potável?

Como era o atendimento a saúde e lazer na localidade?

Somente as atividades desempenhadas na propriedade proporcionavam renda a contento ou a busca por outros serviços era necessária?

As perguntas realizadas ao ex-morador da localidade que agora reside na cidade e exerce a atividade de administrador são:

O que fez você mudar para a cidade?

Você continua trabalhando no meio rural? Por quê?

Como eram as condições de acesso às estradas para a propriedade?

Como era o abastecimento de água potável?

Como era o atendimento a saúde e lazer na localidade?

Somente as atividades desempenhadas na propriedade proporcionavam renda a contento ou a busca por outros serviços era necessária?

As perguntas realizadas ao morador e trabalhador na localidade são:

Qual o motivo que faz com que você continue morando na propriedade?

Você continua trabalhando no meio rural? Como?

Como eram as condições de acesso às estradas para a propriedade?

Como era o abastecimento de água potável? E hoje?

Como era o atendimento a saúde e lazer na localidade?

Somente as atividades desempenhadas na propriedade proporcionavam renda a contento ou a busca por outros serviços era necessária?